

## **A COMUNIDADE RELIGIOSA COMO LUGAR DE MEMÓRIA, IDENTIDADE E PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL: UM ESTUDO DE CASO COM A IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA - IASD EM OURINHOS-SP**

*André Pires do Prado<sup>1</sup>*

*Eduardo Romero de Oliveira<sup>1</sup>*

**Resumo:** A proposta deste artigo é apresentar uma breve reflexão a respeito do papel da comunidade religiosa enquanto lugar de memória, espaço de vida, sentido, pertencimento e identidade. Lugar de sentimentos ancorados na experiência interpessoal e cotidiana. Busca-se pensar a comunidade como um espaço de projetos, práticas e histórias compartilhadas, um lugar de referência ao patrimônio cultural e histórico - material ou imaterial. O estudo de caso aqui se refere à comunidade Adventista do Sétimo Dia - IASD, presente na cidade de Ourinhos-SP desde a década de 1950. Destaca-se, em recorte, o papel da comunidade religiosa com seus projetos de cunho humanitário, ações e características históricas em nível local.

Palavras-Chave: Comunidade Religiosa. Identidade. Memória. Patrimônio Cultural.

### **Introdução**

Ourinhos é uma cidade do interior paulista, do Centro-Sul, com 103.035 habitantes (Censo IBGE-2010)<sup>2</sup> e uma área territorial de 296,269 km<sup>2</sup>. Tem economia agroindustrial e atividade comercial regular, ocupando posição de médio destaque na região. A história de Ourinhos, bem como de municípios próximos, confunde-se com o tempo da EFS - Estrada de Ferro Sorocabana, do ciclo do café, do cultivo de algodão e da imigração na região.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia - IASD chega à cidade de Ourinhos na década de 1950. Em 2015, completa 65 (sessenta e cinco) anos de trajetória local. Uma história construída pela força de mutirões, projetos sociais e empenho da comunidade de fieis.

A Igreja consolida-se (efetivamente organizada) quando adquire um terreno próprio e constrói seu primeiro templo na cidade, na Vila Perino, em 1960. E com as implicações do desenvolvimento urbano e o aumento do contingente de membros, a IASD se fragmenta no início da década de 1990, buscando atuar em bairros periféricos da cidade.

A fragmentação foi dirigida pelo pastor Mário Cardoso de Oliveira, inspirado pelo lema “dividir para multiplicar”, usado pela IASD, em nível institucional, desde a década de 1970, para o projeto de difusão da mensagem e expansão no Estado de São Paulo.

---

<sup>1</sup> Doutorando em História. Aluno regular do Programa de Pós-Graduação em “História e Sociedade” da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Assis-SP.

Após essa fragmentação, da qual surgiram novas congregações, a Igreja iniciou um período de construção de templos, nos respectivos bairros, aonde chegou. O pastor Samuel de Mesquita Guimarães foi quem administrou as edificações nas três igrejas (Vila Musa, Vila Brasil, Vila Santos Dumont), frutos da divisão da Igreja Central, em 1990, além de reconstruir o templo da Vila Perino (de perfil mais tradicional). Isso significou a conquista dos espaços religiosos com o empenho dos mutirões de fiéis voluntários nas edificações.

Em 2006, ano em que Guimarães deixou o distrito, havia surgido um grupo na Vila São Luiz, que atualmente está consolidado. Em 2011, dois novos grupos surgiram: Vila Boa Esperança e Vila Itamaraty – que também já estão estruturados.

No total, a IASD conta com 7 (sete) locais de culto em Ourinhos e um contingente efetivo de 500 (quinhentas) pessoas (aproximadamente 0,5 % da população da cidade), além de um canal de TV aberta, da “Rede Novo Tempo de Comunicação”. Vale dizer também, dos projetos sociais que a igreja realiza, dos quais trataremos no artigo.



Figura 1 – A geografia da IASD na cidade se apresenta da seguinte forma: 1 templo central (estrela) e 6 templos periféricos (triângulos). Vila Perino (Central, mais antigo), Vila Musa, Vila Santos Dumont, Vila Brasil, Vila São Luiz, Vila Boa Esperança e Jardim Itamaraty.

Fonte: <https://www.google.com.br/maps> (adaptado - marcação nossa)

### Identidade na pós-Modernidade e a oposição “Global x Local”.

Por tratar-se o eixo temático de questões locais de identidade, memória e cultura de grupo, é possível trabalhar com um gancho teórico dentro da oposição “*global x local*”, no que se refere aos estudos culturais e sócio-identitários atualmente, pensando em conceitos-chaves como: mundialização, desterritorialização, internacionalização e globalização.

Segundo C. Geertz (2001, p. 193), no plano de análise da cultura, “o esfacelamento de coesões maiores, ou que assim pareciam, em coesões menores, ligadas entre si de maneira incerta, tornou extremamente difícil relacionar as realidades locais com as globais, o *mundo das bandas de cá* com o *mundo em geral*.” O fluxo de *produção, troca e consumo* de saberes e discursos é cada vez mais veloz e dinâmico. E o mercado de bens simbólicos, de interpretações da realidade, impõe-nos um difícil paradoxo: a tarefa da escolha.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas - desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem "flutuar livremente". Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. (GEERTZ, 2001, p. 75)

Vive-se na epopeia da *liberdade individual* contraposta à *pluralidade polifônica* de um cenário estilhaçado. E os estilhaços, dispersos, ou até ligados entre si de maneira mais ou menos inteligível, representam um desafio na busca de uma análise cultural concisa.

A mesma dissolução de grupos estáveis e divisões conhecidas que tornou tão insondável e cheio de arestas o mundo político fez com que a análise da cultura, de como as pessoas vêem as coisas, reagem a elas, imaginam-nas, julgam-nas e lidam com elas, se tornasse uma empreita muito mais delicada do que era quando sabíamos, ou melhor, julgávamos saber o que combinava e o que não combinava com o quê. (GEERTZ, 2001, p. 193)

Diante do mundo estilhaçado, devemos “examinar os estilhaços”, sugere o autor de *A Interpretação das Culturas*. Precisamos buscar estranhezas, descontinuidades, contrastes, particularidades e singularidades históricas. E isso significa: ligar paisagens locais ricas em detalhes e memórias, com as estruturas sociais nas quais estão inseridas dialeticamente.

Fazer isso – ligar paisagens locais, cheias de detalhes e acidentes, com as topografias complexas em que elas se inserem – requer uma alteração não só da maneira como concebemos a identidade, mas da maneira como escrevemos sobre ela, do vocabulário que usamos para torna-la visível e medir sua força. (GEERTZ, 2001, p. 195)

Ademais, as diferenças devem ser vistas *não* como negação das semelhanças, mas como algo que as abarca: situando-as, dando-lhes formas. Aliás, as interpretações feitas sobre unidade e identidade, se nos apresentam como produções feitas a partir da *diferença*. Silva (2009), em *A Produção Social da Identidade e da Diferença*, discorre:

As informações sobre diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações sobre (outras) identidades. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis. (SILVA, 2009, p. 75)

Se por um lado, como nos alerta Santos (2000), a *globalização* nos atinge sob um aspecto de *globalitarismo*<sup>3</sup>, ou seja, um tipo autoritário de padrões ou normatizações que só fazem massificar, atrelado à burocrática de gerenciamento voltada para o universal, para o global, às tendências propagandísticas e mundializadas. Por outro, nossas escolhas ainda permanecem sendo locais. As decisões que tomamos para definir nossa posição particular e nossa inserção dentro desse processo, ainda são definidas em situações *não-globais*.

Sobre isso, observa Camargo (2006, p. 6), “o contraponto do global, no que tange às identidades sociais, estaria no universo local e não no nacional.” Isso quer dizer que aparece uma luz no fim do túnel em meio às visões de mundo em crise: uma afirmação identitária com base nos valores, experiências e memórias produzidas em âmbito “local”.

A dinâmica do “global”, não só promove um novo interesse pelo “local”, mas exige novas maneiras de articulação entre os dois níveis de experiência. Para Hall (2006):

Ao lado da tendência em direção à homogeneização global, há também uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da "alteridade". Há, juntamente com o impacto do "global", um novo interesse pelo "local". A globalização (na forma da especialização flexível e da estratégia de criação de "nichos" de mercado), na verdade, explora a diferenciação local. Assim, ao invés de pensar no global como "substituindo" o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre "global" e "local". (HALL, 2006, p. 77)

Esse âmbito do local, portanto, estaria representado por universos sociais menores, em papéis desempenhados por: clubes, associações de bairro, sindicatos, grupos de orgulho étnico, ONG's, comunidades religiosas, etc. Aqui, situamos a IASD como instância local de identidade e pertencimento, na medida em que a comunidade se vê historicamente.

### **Comunidade: um lugar comum**

Entende-se que o espaço comunitário, diante da fluidez da “modernidade líquida”, para utilizar um conceito de Bauman (2001), representa lugar de “referência” de valores. Há um paradoxo na sociedade contemporânea: quanto mais *liberdade*, menos *segurança* (e vice-

versa). Para a falta de segurança, apesar das restrições da liberdade, a comunidade se apresenta como lugar seguro. Assim, é “bom” *ter e fazer* parte de uma comunidade, pois é nela que está o “bem”, oposto ao “mal” da sociedade líquida. Diz Bauman (2003):

As palavras têm significado: algumas delas, porém, guardam sensações. A palavra comunidade é uma delas. Ela sugere uma coisa boa: o que quer que comunidade signifique, é bom ter uma comunidade, estar numa comunidade. Se alguém se afasta do caminho certo, explicamos sua conduta reprovável dizendo que “anda em má companhia”. Se alguém se sente miserável, sofre muito e se vê persistentemente privado de uma vida digna, logo acusamos a sociedade – o modo como está organizada e como funciona. As companhias ou a sociedade podem ser más; mas não a comunidade. Comunidade, sentimos, é sempre coisa boa. (BAUMAN, 2003, p. 07)

Portanto, segurança, inclusão, pertencimento e identidade são alguns sentimentos que podem ser encontrados na comunidade enquanto espaço de vida e lugar de sentido. A comunidade é um lugar comum de segurança e de sentimentos fundamentais do existir.

### **Comunidade: um lugar de memória**

667

A comunidade não é apenas um lugar comum de segurança e sentido, mas também é um lugar social de *memória*, de uma “memória coletiva” - para citar Halbwachs (2006) - onde lembranças de experiências são compartilhadas e reavivadas em grupo.

Segundo Nora (1993), na sociedade globalizada, tecnológica e informacional, a memória tornou-se residual, fragmentada, e está intencionalmente ligada aos lugares que a sustentam, que a mantêm; isso em consequência do ímpeto incontrolável que sentimos de memorizar tudo. Vivemos num tempo de “aceleração da história”, um tempo veloz no âmbito da vida tecnológica e produtiva, marcada por acontecimentos frenéticos, num fluxo informação-recepção-esquecimento. Sente-se, por isso, a necessidade de constituir “lugares de memória”, pois não damos conta de memorizar tantos dados e experiências.

Precisamos dos rastros, dos instrumentos de recordação, da mediação da história e dos historiadores. Precisamos, para nosso alento, (re)ativar(vivar) lembranças através dos *lugares de memória*. Diz Nora (1993, p. 07) que “há locais de memória porque não há mais meios de memória. Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos a necessidade de lhe consagrar lugares”. Esses “lugares de memória” podem ser classificados em:

Lugares portáteis – livros, objetos, ferramentas, utensílios;

Lugares topográficos – cidades, vilas, espaços geográficos;

Lugares monumentais – estátuas, portais, obeliscos, pilares;

Lugares arquitetônicos – casas, edifícios, ruínas e construções;

Lugares funcionais (instituições) - um clube, uma associação, uma igreja, um centro de documentação, um museu, um arquivo, um acervo;

Neste caso, pode-se pensar a comunidade religiosa como um “lugar funcional” de memória. E a IASD, como um lugar funcional de memória, têm o propósito de: cristalizar, armazenar, representar e reativar conteúdos de memória relevantes a seus membros.

### **Comunidade: um lugar de intermediação.**

Uma das principais funções da comunidade talvez seja a de mediar os saberes entre uma *realidade global* e uma *realidade local*, conhecimentos e sentidos explicativos entre o *dentro* e o *fora* nas experiências de vida dos membros que a compõem. Trata-se de um dos papéis das comunidades enquanto “instituições intermediárias”, perante aquilo que alguns sociólogos como Berger e Luckmann, chamam de “crise de sentido” no entendimento e na orientação do homem moderno (ou pós-moderno), em consequência do *pluralismo*.

668

Somente quando as instituições intermediárias contribuírem para que os padrões subjetivos de experiência e de ação dos indivíduos participem da discussão e estabelecimento de sentido, será possível evitar que os indivíduos se sintam totalmente estranhos no mundo moderno; e somente então será possível evitar que a identidade das pessoas individuais e a coesão intersubjetiva das sociedades sejam ameaçadas ou, até mesmo, destruídas pela afecção de crises da modernidade. (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 15):

A função da comunidade religiosa, nesse molde, seria, portanto, a de intermediar os saberes da realidade *extra-universo* com o consumo *intra-universo* dos membros, crivando ou permitindo determinados conteúdos de sentido, de significação, de explicação, tendo em vista a manutenção da segurança, do pertencimento e da identidade da comunidade.

### **Os projetos sociais da IASD: representação de memória e patrimônio imaterial**

No que se refere aos conceitos de *memória* e *patrimônio imaterial*, sustenta-se aqui, a ideia de que os projetos sociais e as ações comunitárias da IASD em Ourinhos têm papel de cristalizar o imaginário social de grupo e o legado de práticas que fundamentam não só sua função existencial como comunidade, mas também sua presença histórica na cidade.

Ademais, defende-se aqui, a premissa de que as ações, de que as práticas de grupo e as memórias sustentadas pelas práticas, representem, na verdade, um patrimônio imaterial comunitário *não-chancelado, não-tombado, não-consagrado* no âmbito das legislações e dos instrumentos de legitimação da memória e do patrimônio histórico municipal.

Assim, independentemente dessa *chancela* do *poder público* (prefeitura municipal), que legitima aquilo que é ou não visto como relevante à memória ourinhense, entende-se que, os projetos e ações sociais adventistas, pelo valor de memória e de pertencimento que representam, figuram como dispositivos de cultura imaterial de grupo. E, para isso, leva-se em consideração o conceito de “patrimônio imaterial” definido pela UNESCO, em outubro de 2003, na *Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*. Segundo essa definição da UNESCO<sup>4</sup> para o conceito de Patrimônio Cultural Imaterial, nota-se:

Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (UNESCO, 2003, p. 03)

O patrimônio intangível se manifesta nos seguintes campos:

- a) tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial;
- b) expressões artísticas;
- c) práticas sociais, rituais e atos festivos;
- d) conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo;
- e) técnicas artesanais tradicionais. (UNESCO, 2003, p. 04)

O Brasil adotou a declaração da UNESCO em 2006, pelo Decreto n. 5.753 de 12 de abril, adequando sua legislação interna a esse instrumento. Entretanto, a política de defesa do patrimônio imaterial no país, tem seu início com a Constituição de 1988, no Art.206.

Art. 216 - Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão e os modos de criar, fazer e viver ao lado das obras de arte, arquitetura e demais bens tradicionalmente consagrados. (CF, 1988)

A concepção de patrimônio intangível ou imaterial, com a Constituição Federal de 1988, e com a adoção da Convenção da UNESCO em 2006, ampliou-se ainda mais no Brasil, sendo então pensada com vista à pluralidade. Contudo, as ações do Estado e do IPHAN para defesa do Patrimônio Imaterial, somente foram definidas no Decreto n. 3.551 de 4 de agosto de 2000, que instituiu o *Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial* que constituem patrimônio cultural brasileiro e criou o *Programa Nacional do Patrimônio Imaterial - PNPI*. O Decreto determina que o registro deva ser feito nos livros:

I Livro - de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

II Livro - de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

III Livro - de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

IV Livro - de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas. (BRASIL, Decreto n. 3551/2000, p. 01)

Determinou-se que, ainda poderiam ser criados novos livros ou novas noções para bens culturais não atendidas pelas categorias determinadas pelo Decreto. Junto a ele, surgiu a Resolução/IPHAN nº 001/2006, que trata dos procedimentos na instauração e instrução dos processos de Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, vigente até então.

Na cidade de Ourinhos, como não há bens imateriais tombados pela prefeitura, e, como não se trata aqui, de uma perspectiva sobre os projetos, ações e memórias adventistas enquanto bens intangíveis *tombados*, reitera-se a premissa-base de que, independentemente da chancela, representam sim, tais ações e projetos, *cultura imaterial de grupo*.

### **Projeto “Escola Cristã de Férias”.**

A IASD desenvolve esse trabalho desde a década de 1970, quando ainda mantinha a “Escola Príncipe Emanuel”, de ensino fundamental, no templo da Vila Perino. É um projeto estrutural, pois acontece em todas as comunidades, envolvendo todas as Igrejas em seus



respectivos bairros. O objetivo é organizar um curso pelo tempo aproximado de 7 (sete) a 10 (dez) dias, composto de músicas, lições bíblicas, histórias, trabalhos manuais, estudos a respeito da natureza, dicas de temperança e aplicação de jogos recreativos.

O curso é destinado às crianças dos bairros nos quais os templos estão construídos. Ele acontece, na maioria das vezes, no mês de julho, durante as férias das redes municipal ou estadual de ensino. As ações são realizadas por professores especializados da IASD, por mulheres, líderes do departamento de Educação da Igreja local de cada vila/bairro.



Figura 2: Perspectiva interna do salão da EMEI – Erico Veríssimo (cedida pela Prefeitura Municipal), na Vila Boa Esperança. Na imagem, crianças e seus pais sendo instruídos pelos professores da Escola Cristã de Férias da IASD. Local: Vila Boa Esperança. Foto de 2011. Fonte: André Pires do Prado.

A “Escola Cristã de Férias” geralmente acontece nas dependências dos templos, salões de encontro ou prédios de escolas municipais cedidos pelo poder público - quando os templos e salões são inviáveis, por pouco espaço. Ao trazer as crianças para o projeto, a IASD contribui também com os pais, pois estes trabalham, e não dispõem do tempo para cuidar dos filhos nas férias. O projeto faz com que muitos desses pais se aproximem da fé adventista. Assim, os filhos são os intermediários. E no final da E. C. F, geralmente a Igreja recebe novos pedidos de batismo e estudos bíblicos dos pais interessados.

### **Projeto “Como Deixar de Fumar”.**

É uma ação de referência na pauta anual de trabalhos sociais realizados pela IASD. Nesse projeto, a Igreja tem por objetivo auxiliar pessoas dependentes do tabaco, propondo estratégias de abandono do vício. Tem como base um curso ministrado pelos pastores, com projeções de filmes e fotos que falam dos riscos à saúde trazidos pelo tabaco.

O evento, depois da fase de divulgação, tem duração de acordo com a demanda de interessados, mas geralmente é realizado no prazo de 10 (dez) a 15 (quinze) dias, com no mínimo 10% de pessoas que acabam deixando o vício no final do curso<sup>5</sup>. O projeto é mesclado com evangelismo, que visa gerar estudos bíblicos, batismos e novos fiéis.



Figura 3: Perspectiva interna do salão da IASD na Vila Boa Esperança. Na imagem, o pastor Romeu Eloi de Souza ministrando o curso “como deixar de fumar” aos moradores do bairro. Local: Vila Boa Esperança. Foto tirada em 2011. Fonte: André Pires do Prado.

### **Projeto “Mutirão de Natal”.**

É também anual. Acontece no mês de dezembro. É realizado em Ourinhos desde o período de implantação da IASD na Vila Perino, na década de 1960. (Antes era organizado pela DORCAS, um departamento de ação humanitária que hoje se transformou em ASA - Ação Solidária Adventista). O projeto arrecada alimentos para doação às famílias pobres na cidade, estas, cadastradas em lista especial de acordo com o grau de carência.

A coleta dos alimentos é realizada por voluntários em campanhas desenvolvidas nos bairros, além de doações feitas pelos próprios membros, que levam os alimentos aos templos e os depositam em caixas de coleta, confeccionadas para esse propósito.

A família beneficiada pela “Cesta de Natal” é registrada num “cadastro de famílias atendidas”, pelo qual é feito o controle do projeto e um retorno posterior da IASD a esses lares, desenvolvendo estudos bíblicos e apresentando a mensagem da Igreja.



Figura 4: Perspectiva dos materiais recolhidos pela IASD e doados às famílias carentes da cidade. Local: Vila Perino. Descrição: Adventistas em campanha assistencial “Mutirão de Natal” através do departamento de assistência social Dorcas/Local. Foto entre os anos 1960 e 1970. Fonte: Wilson Pires.

Entre os voluntários ativos do projeto, os jovens são os principais, especialmente os membros do “Clube de Desbravadores”, órgão essencial nessa campanha de Natal.

### **Projeto “Clube de Desbravadores”.**

O “Clube de Desbravadores” é um projeto social efetivo. Com ele, a IASD atinge jovens e crianças da cidade, oferecendo recreação e aprendizado. O Clube não é exclusivo para membros da Igreja apenas. Há participação de jovens de fora, embora estes tenham de seguir determinações do regimento do Clube, adequando-se às normas do projeto.

Os desbravadores aprendem temas voltados à *Natureza, Saúde, Comportamento, Humanitarismo, Ética, Valores Cristãos e Civilidade*. As atividades são de capacitação, ensino, recreação, formação, socialização, acampamentos (em sítios, reservas, campings e chácaras), encontros semanais de instrução e projetos de intervenção na comunidade. O Clube integra meninos e meninas entre 10 (dez) e 15 (quinze) anos de idade.

O primeiro Clube de Desbravadores em Ourinhos-SP foi organizado na década de 1980, no templo Central da Vila Perino, batizado com o nome de “Clube de Desbravadores - Mayflower”. Envolveu a primeira geração dos jovens da década de 1970, que compunha a Igreja na Vila Perino naquele tempo. Hoje, esse clube não existe mais, devido às mudanças de gerações de membros e a fragmentação da congregação na década de 1990.

O Clube “Mayflower”, embora tenha se desfeito com a fragmentação da Igreja, acabou dando origem a dois novos Clubes. Estes, hoje, ainda ativos e bem estruturados. Um deles é o “Clube de Desbravadores – Leão de Judá”, fundado em 18 de Outubro de 1992, e pertence à

IASD Vila Brasil. Outro é o “Clube de Desbravadores – Embaixadores do Rei”, fundado em 19 de agosto de 2007, com sede na IASD Vila Musa.

Anualmente, os Clubes de Desbravadores - Leão de Judá e Embaixadores do Rei - engajam-se nas campanhas sociais da IASD. Assim, do “Mutirão de Natal” à campanha de doação de sangue “Vidas por Vidas”, todos os projetos da ASA contam com o auxílio dos Desbravadores. É tradicional a participação dos Clubes no desfile cívico de 7 de Setembro na cidade. Na foto a seguir, a participação dos Clubes de Desbravadores “Leão de Judá” e “Embaixadores do Rei” no desfile de 7 de Setembro de 2011, na Av. Altino Arantes.



Figura 5: Perspectiva do desfile de 7 de setembro de 2011 com a presença dos Clubes de Desbravadores da IASD. Na frente, membros do Clube “Embaixadores do Rei” (Vila Musa) segurando faixa, bandeiras da Federação, Estado e Município. Atrás, membros do “Clube Leão de Judá”, segurando faixa e barracas de camping, indicando uma de suas principais atividades. Local: Avenida Altino Arantes. Foto tirada em 2011. Fonte: André Pires do Prado.

A importância do Clube já é reconhecida pelo Poder Público local e seus trabalhos humanitários vistos com prestígio pela comunidade ourinhense. O Clube “Leão de Judá” recebeu o título de “utilidade Pública” pela Lei Municipal n. 3.821/1995.

### **Projeto “Vidas Por Vidas”.**

Além de ser uma ação da qual os Clubes Desbravadores fazem parte e auxiliam na realização, o projeto “Vidas Por Vidas”, dentre todos os projetos da IASD na cidade, é o de maior destaque midiático e impacto público. A iniciativa tem como objetivo a doação de sangue por parte dos fiéis e dos voluntários fora da Igreja, estes simpáticos à campanha.

O “Vidas por Vidas”, fundado em 2005, é um programa anual e estrutural da IASD no Mundo e no Brasil. Foi premiado pela OMS - Organização Mundial da Saúde em 2006. Conta com mais de 300 (trezentos) mil doadores em 8 (oito) países da América do Sul.<sup>6</sup>

Em Ourinhos, ele é realizado desde 2006. Geralmente acontece no mês de abril de cada ano. Os Desbravadores, os membros voluntários e os simpáticos à causa, fazem uma passeata dirigida ao Banco de Sangue do *Hospital Santa Casa de Misericórdia*, entregando panfletos e informando os demais cidadãos sobre o intuito do projeto “Vidas por Vidas”.

É uma ação programada, anunciada e coordenada, na qual o Banco de Sangue abre um expediente especial, exclusivamente para atender os doadores do projeto. Um jornal da cidade, em 2009, noticiou o evento, dando destaque ao papel da IASD na campanha, como podemos ver no trecho extraído do Jornal da Divisa, de 01 de abril de 2009.

Igreja promove campanha de doação de sangue. Assim como o banco de sangue de algumas cidades da região como Assis e Marília, que vão trabalhar no próximo sábado em horário especial - das 7h às 12h – devido dois feriados que irão acontecer nesse mês em Ourinhos o atendimento também será feito em horário especial, mas por outro motivo. Segundo a enfermeira responsável pelo Banco de Sangue de Ourinhos, Adriana Gasparoto, no próximo sábado, dia 4 de abril, a unidade vai trabalhar das 13h às 17h, para atender os doadores enviados pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, por meio de uma campanha de doação que é realizada pela comunidade há mais de três anos. (JORNAL DA DIVISA, de 01/04/2009) <sup>7</sup>

### **Projeto “TV Novo Tempo - Local”.**

É um projeto que vem inserindo ainda mais a IASD no contexto social de Ourinhos, desde 2011 quando foi criado. A IASD possui um sistema chamado “Rede Novo Tempo de Comunicação”, de grande importância para a obra da Igreja no Brasil e na América Latina.

No Brasil, a sede da Rede Novo Tempo fica na cidade de Jacareí-SP e seus programas de Rádio e TV são produzidos e emitidos dessa mesma cidade.

A comunidade da IASD de Ourinhos, desde 2007, buscava a implantação do canal no município, mas dependia da concessão do Poder Municipal, além das determinações e exigências em nível federal – estas relativas à legalidade e adequação dos equipamentos.

Feitas as adequações e adquiridos os equipamentos, o Prefeito Municipal na época, Toshio Misato, em reunião com os dirigentes da IASD institucional, autorizou a instalação dos equipamentos e a emissão do Canal de TV da Rede Novo Tempo Local em sinal de *TV aberta* – *UHF*, este gratuito a toda população. O Canal já era acessível, mas apenas pelas pessoas que tinham TV a cabo (na Sky-17), privada. Com a viabilidade, o canal pode ser visto na faixa 38 da sintonia UHF, no perímetro da cidade e parte do limite rural.

O equipamento de retransmissão do sinal da TV (emitido da cidade de Jacareí-SP), foi instalado num morro situado na convergência da Rodovia Mello Peixoto (SP-278) com a

Rodovia Raposo Tavares (SP-270), no qual a prefeitura mantém uma antena que hospeda todos os equipamentos de TV aberta autorizadas na cidade - da TV Globo à SBT.

O receptor da TV Novo Tempo – Local foi instalado no dia 18 de setembro de 2011 pela empresa R. F. Manutenção, contratada pela Associação Paulista Sudoeste - APSO da IASD. O técnico responsável pelo serviço chamava-se Carlos José Stringaci. O aparelho é um Receptor Digital TS-7100, da LINEAR - Equipamentos Eletrônicos S/A, que recebe o sinal emitido de Jacareí, sinal repassado pelo satélite NSS-806, que cobre o território da América do Sul e também parte da África. Na imagem a seguir, o equipamento da TV Novo Tempo, assistida em canal aberto de nº 38 – UHF na cidade de Ourinhos:



Figura 6: Perspectiva da sala de equipamentos de retransmissão de sinal de TV do Município de Ourinhos. Em foto, Paulo Roberto Rissonio, um dos adventistas responsáveis pelo acordo feito com o Prefeito Toshio Misato na concessão do canal, e o técnico Carlos José Stringaci, responsável pela instalação do equipamento. Foto de 2011. Fonte: Acervo de André Pires do Prado.

A TV Novo Tempo tem grade variada de atrações. Dos programas exclusivamente evangelísticos, de teologia adventista e de objetivo proselitista, a programas jornalísticos, educativos, históricos, de variedades, curiosidades, comportamento e infantis. Mas os que se destacam estão voltados à área da saúde, da alimentação e do comportamento.



Figura 7: Perspectiva da antena geral de retransmissão de sinal de TV do Município de Ourinhos. Essa antena é responsável pela acomodação dos aparelhos emissores das diversas TVs abertas da cidade. Na parte debaixo da foto, em destaque com “círculo”, a antena da TV Novo tempo (forma de parabólica), que apara o sinal do satélite

NSS-806, envia para o Receptor Digital TS-7100 (dentro da sala, na casinha ao lado) que transmite o sinal sintonizado para o Emissor (vermelho, que está em destaque com “círculo” no alto da antena), e este, por sua vez, emite o sinal, no canal 38 – UHF, à toda cidade de Ourinhos.

Local: Convergência da SP-270 com a SP-278 em Ourinhos. Foto de 2011.

Fonte: Acervo de André Pires do Prado.

677

Assim que a *TV Novo Tempo* começou a ser transmitida na cidade, a IASD iniciou uma campanha de divulgação do seu Canal. A ideia era fazer com que as pessoas viessem a conhecer a possibilidade do acesso a mais um canal aberto em sua TV, bastando apenas uma antena de UHF. Primeiro a IASD lançou adesivos, camisetas e panfletos, distribuindo o material em bairros afastados e no perímetro central. Em seguida, espalhou em pontos estratégicos - de grande fluxo, como na Av. Rodrigues Alves (Corpo de Bombeiros), e no Terminal Municipal de ônibus-circular (Centro) - *outdoors* dizendo da sintonia do Canal.

O Canal trouxe mais visibilidade à IASD em Ourinhos. A TV Novo Tempo leva para dentro dos lares ourinhenses a mensagem adventista. O intuito da Igreja é fazer com que o Canal seja mais um de seus diversos instrumentos de evangelização, de divulgação dos trabalhos da IASD na cidade, deixando a Igreja mais próxima da comunidade em geral, motivando a busca dos cultos nos templos e aumentando o número de visitas e batismos.





Figura 8: Do lado esquerdo, uma imagem do panfleto distribuído na cidade no início de outubro de 2011, divulgando o canal Novo Tempo na sintonia 38 – UHF. Do lado direito, o outdoor colocado no Terminal do centro de Ourinhos. Local: Terminal de ônibus-circular AVOA de Ourinhos. Foto de 2011.

Fonte: Acervo de André Pires do Prado.

A implantação da “TV Novo Tempo” em Ourinhos ainda é recente. É preciso uma pesquisa mais detalhada para averiguar o resultado desse projeto no crescimento da Igreja.

### Considerações Finais

Diante do exposto, considera-se que - no que diz respeito ao papel das comunidades no âmbito da sociedade globalizada contemporânea, tendo em mente o contraponto *local x global*, bem como as questões a respeito de *identidade, cultura e produção de memória* - as várias comunidades de sujeitos, das religiosas às filantrópicas, possuem a função de:

- a) Por meio dos projetos, produzir valores de grupo, sentimento de pertencimento, identidade e sentido existencial *no e para* o mundo.
- b) Intermediar os conhecimentos existentes *fora* da comunidade com os saberes produzidos *dentro* da comunidade, transmitindo aos seus membros as coordenadas para a interação *local x global*.
- c) Representar *lugar de memória, lugar histórico e lugar de vida*, capaz de sustentar, ao logo do tempo, uma *reserva de lembranças* abarcando tradições e saberes, estes transmitidos de um membro a outro, de uma geração à outra, configurando, pelas práticas, uma ordem local segura



e duradoura. Ordem contraposta ao “lá fora”, onde está o *efêmero*, o *transitório*, o *fragmentado*, o *individual*.

d) Ser um lugar de *experiência comum*, projetos sociais, patrimônio cultural *material e imaterial* (até *não-chancelado*, mas, certamente, legítimo perante os membros da própria comunidade - *adventista*).

## Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CAMARGO, Célia Reis Camargo. **A Construção da Memória na Sociedade Global. Identidades Sociais: Local x Global**. Revista Patrimônio e Memória. UNESP – FCLAs - CEDAP, v.2, n.2, 2006 p. 52-61

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEERTZ, Clifford. **Nova Luz Sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

JORNAL DA DIVISA. Matéria: **Igreja Promove Campanha de Doação de Sangue**. De 01/04/2009. Disponível em: <http://www.jornaldadivisa.com.br/noticias4.php?id=4244> (acesso em 13/09/2011 às 23:12)

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. In: Projeto História. São Paulo, PUC/SP, 1993.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. *A produção social da identidade e da diferença*. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org); HALL, Stuart; WOODWARD Kathryn. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 75.

UNESCO. **Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris, 17 de outubro de 2003. Tradução feita pelo Ministério das Relações Exteriores, Brasília, 2006.

---

<sup>1</sup> Professor Assistente Doutor da UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Professor na graduação de Turismo (UNESP, campus de Rosana), nos Programas de Pós-Graduação de História (UNESP/FCL, campus de Assis) e de Arquitetura e Urbanismo (UNESP/FAAC, campus de Bauru). Atua em Comissões e Conselhos administrativos na UNESP; além de serviços técnicos especializados como parecerista na

FAPESP, Boletim do Museu Emilio Goeldi, Revista de História (UNESP) e editor-adjunto de Patrimônio Histórico na Revista de Historia TST - Transportes, Servicios y Telecomunicaciones.

<sup>2</sup> Estima-se que, no ano de 2015, a população ourinhense atinja a margem de 110.000 habitantes. Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=353470&search=|infográficos:-informações-completas> – Acesso em: Maio de 2015.

<sup>3</sup> O conceito de “globalitarismo” citado é o de Milton Santos. In: SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

<sup>4</sup> UNESCO. **Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris, 17 de outubro de 2003. Tradução feita pelo Ministério das Relações Exteriores, Brasília, 2006.

<sup>5</sup> Dados informados pela comissão de organização do Curso, na comunidade do Templo da Vila Boa Esperança.

<sup>6</sup> Para dados sobre o projeto, acessar o site institucional: <http://www.vidaporvidas.com>

<sup>7</sup> JORNAL DA DIVISA. Matéria: **Igreja Promove Campanha de Doação de Sangue**. De 01/04/2009. Disponível em: <http://www.jornaldadivisa.com.br/noticias4.php?id=4244> (acesso em 13/09/2011 às 23:12)